

REVIVENDO AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA SOBRE ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: Foucault na perspectiva da orientação sexual

Aretuza Candeia de Melo ¹

Aristeia Candeia de Melo ²

Alana Candeia de Melo ³

RESUMO

Esse trabalho consiste de uma contribuição da literatura sobre adolescência e sexualidade, sob a visão de Michel Foucault na perspectiva da orientação sexual. Os trabalhos encontrados refletem sobre essa literatura, tanto a diversidade das definições possíveis para gênero e as tradições teóricas e metodológicas a ele associadas, quanto, correlatamente, a diversidade interna da própria área da Educação no contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no âmbito brasileiro. As expressões de adolescência e sexualidade estão presentes no âmbito do cotidiano escolar na determinação de comportamentos diferenciados quanto à sexualidade e gênero, no entanto, os professores ainda se sentem constrangidos para trabalhar a temática. Sendo um tema que floresce e se manifesta cotidianamente, evitar falar, por parte da família e da escola, provoca maior fixação nos adolescentes de um modo geral. Os trabalhos já realizados na prática expressam que, apesar de considerarem de grande relevância a temática sobre sexualidade e orientação sexual, a maioria dos docentes no Brasil não se encontram preparados de conhecimentos, tanto teórico como prático, hábeis para motivarem a orientação sexual aos adolescentes no âmbito escolar. Conclui-se que projetos e programas de treinamento e capacitação sobre sexualidade na adolescência são essenciais aos professores, que trabalham com os PCN sobre orientação sexual.

Palavras chave: Adolescência. Sexualidade. PCN. Professores. Orientação.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência, a sexualidade e a orientação sexual que se pleiteia não se resumem a um amontoado de noções de biologia, prescrições médicas de higiene ou informações anatômicas, muito menos regras de moralidade, com os ditames o que é certo ou errado. Busca-se um código moral e ético próprio e a busca de uma identidade bem sedimentada. São os mais importantes dilemas na área da educação que vêm à consciência durante a adolescência como uma maneira de preparação para a vida adulta.

¹ Doutora em Recursos Naturais pela UFCG - Campina Grande/PB. Professora do Departamento de Geografia do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba - Campus I – Campina Grande/PB. tuzacm@gmail.com

² Mestre em Tecnologia da Educação pela Universidade Internacional de Lisboa – Portugal. Professora do Departamento de Saúde do Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos/PB. aristeiacandeia@gmail.com

³ Mestre em Geografia pela UFPE – Recife/PE. Professora aposentada do Departamento de Engenharia Florestal – UFCG/Campus VII – Patos/PB. Coordenadora Acadêmica e Pesquisadora Institucional do Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos/PB. acmelopb@gmail.com

A adolescência e a sexualidade são da ordem do indivíduo, enquanto a orientação sexual é conjuntural, ou seja, o ensinamento vem de fora. A sexualidade diz respeito aos prazeres e às fantasias ocultas, aos excessos perigosos para o corpo e passam a ser considerada como a essência do ser humano individual e núcleo da identidade pessoal (TONELI, 2012, apud, MELO & MELO, 2015).

Para Melo e Melo (2015) a educação sexual tem sido objeto de intensos debates no interior de alguns movimentos sociais brasileiros, em especial o movimento feminista, nos últimos trinta anos. A partir da crítica aos modelos prescritivos e normalizadores, reforçados em ampla escala pelas práticas disciplinares da educação escolar, a sexualidade passa a ser considerada, por seus partidários e defensores, como tema estratégico para alcançar uma educação crítica, transformadora e não sexista.

O presente trabalho tem como objetivo relatar as contribuições da literatura sobre adolescência e sexualidade sob a visão de Foucault na perspectiva da orientação sexual, como um dos temas transversais (PCN), deve perpassar toda a concepção e estruturação da escola como um processo de longa luta de educadores, entre percalços e conquistas para ver este tema presente nas abordagens curriculares formais e institucionais do ensino nas escolas brasileira.

2 METODOLOGIA

Quanto ao cunho metodológico é importante registrar que os temas transversais, não tem como proposta inicial transformarem em disciplinas e sim colaborar para que estas tenham um desempenho mais voltado para a formação integral do homem. A transversalidade do tema da sexualidade está principalmente na característica da complexidade e da abrangência do tema.

Os referidos parâmetros segundo Nunes (2000, p.65), que justifica a transversalidade do que chamam “Orientação Sexual”, pelas ligações transpertinentes dos temas da sexualidade humana com diversas áreas do conhecimento e, por consequência com a prática educativa. Quanto à forma de trabalho, o texto dos PCN que trata da questão da transversalidade da sexualidade indica que esta abordagem pedagógica deve acontecer de forma sistemática, simples e direta, no sentido de orientar processualmente a aprendizagem e o desenvolvimento humano nos aspectos psicofísicos, sociocultural, políticos e econômico.

Com efeito, os parâmetros destacam duas formas gerais de organização dos trabalhos pedagógicos neste campo: “o trabalho de Orientação Sexual deverá, portanto, se dá de duas formas: dentro da programação, por meio de conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo e extra-programação sempre

surgirem questões relacionadas ao tema” (BRASIL/MEC, 1997, p.129).

A orientação organizacional proposta no documento dos PCN é que a partir da Quinta Série do Ensino Fundamental no currículo, a sugestão é de que haja uma aula semanal com um professor disponível para este trabalho (BRASIL/MEC, 1997). Há também a sugestão de que a partir daí os alunos participem da elaboração de um programa para este trabalho através de sugestões de temas e abordagens, num entendimento coletivo para este processo e iniciativa institucional.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Adolescência e Sexualidade

A adolescência é um período privilegiado da existência humana, no qual as mudanças orgânicas, cognitivas, sociais e afetivas interferem largamente em seus relacionamentos interpessoais quer de ordem familiar, escolar e social entre outras tantas dimensões possíveis onde possa haver relacionamento e diálogo. É um período privilegiado porque é um momento único entre as vivências do ser humano, quando o adolescente descobre a vida dentro e fora de si, descobre o mundo que tem para conquistar (Fig. 1).

Figura1: Imagem ilustrativa da descoberta da vida dentro e fora de si



Fonte: Prado, 2019.

Descobre, também, tanto as agruras e dificuldades de um relacionamento afetivo mais profundo quanto às delícias de ser amado e querido por outra pessoa. Vive a busca por seu espaço na teia social ao mesmo tempo em que desejaria voltar a sua tenra infância. A adolescência termina quando os indivíduos assumem o papel de adultos. Entretanto, esse papel depende da classe social e do tipo de cultura onde ele vive. Aberastury citado por Sousa (1991, p. 206), diz que os adolescentes passam por três descobertas importantes:

1. Primeiro, eles se conscientizam de que perderam seu corpo infantil; até esse momento foram simplesmente espectadores das mudanças orgânicas que se processam em seu

corpo. Pouco ou nada puderam interferir nos processos biológicos.

2. Segundo, tem de renunciar à sua identidade infantil e aceitar as novas responsabilidades e cobranças sociais apropriadas a essa nova etapa da vida: escolha de uma profissão, vida sexual, procriação.

3. Terceiro, a perda dos pais da infância. Notaram que os pais são seres humanos comuns com virtudes e defeitos e que, por sua vez, também estão perplexos com o crescimento dos filhos e, portanto, constatando o seu próprio envelhecimento.

Os jovens desejam a liberdade. Entretanto, inconscientemente desejam que seja controlada, para se sentirem amados. Isto é, desejam a liberdade, mas sentem a necessidade inconsciente de autoridade. Lutam entre a dependência e a independência. Querem ser donos de si, porém são inseguros. Com tudo isso, os jovens são emocionalmente instáveis, angustiados, buscam refúgio e proteção. São altamente vulneráveis ao meio ambiente, podendo se envolver com amigos, muitas vezes indesejados, mas que os compreendem, correndo o risco de se envolverem em situações conflitantes e perigosas, como gravidez precoce, DST, drogas e outros tantos males.

Devido a estas mudanças bruscas, que trazem em si um caráter vital de desenvolvimento, de amadurecimento e de aumento das responsabilidades, pode-se caracterizar a adolescência como uma situação, como um período de crise. Há também, uma transformação na convivência social. O adolescente passa a se relacionar com as turmas, inicialmente só de meninos e meninas, e ao exercitar sua possibilidade de relacionamento com os outros, como em todas as outras esferas da vida do adolescente, enfrentar essa situação nova, desperta medos e receios, ao mesmo tempo em que ocasiona o desejo de conhecer, de buscar o novo e de conseguir se relacionar com os demais. O medo e o desejo causados pelas mudanças impostas e obtidas são uma constante na vida de um adolescente.

O adolescente passa pela busca de identidade, adotando diferentes posturas que confundem o adulto menos avisado. Busca um autoconhecimento. Gostam de grupos de amigos, que poderão exercer grande influência sobre ele. Procura igualar-se para conseguir estima e segurança, assumindo os modismos e atitudes grupais. Fora do grupo, geralmente se isola ou se recolhe, para elaborar fantasias, escrever e reajustasse emocionalmente. Com toda instabilidade que o acompanha, o jovem tem um humor flutuante. Com as mudanças corporais há um despertar erótico que o levará a vivências masturbatórias, paixões e experiências as mais diversas.

Acompanhando e participando deste mesmo processo, a sexualidade do adolescente também sofre intensas mudanças: pode-se dizer que a adolescência é um momento de redescoberta da sexualidade. Redescoberta, porque a sexualidade é constituída ao longo da vida da história pessoal de cada indivíduo desde sua infância, na teia de relações interpessoais que se estabelecem entre os indivíduos e o ambiente no qual vivem, sendo permeado por ideologias e visões de mundos diferenciados.

A questão sexual se coloca como ponto fundamental, para o adolescente, pois é nesta fase que ocorre a exploração de novas sensações corporais e a afirmação de escolha sexual gerando crise. Daí a importância de se trabalhar o sexo e a sexualidade nesse momento de crise pelo qual passa o jovem. Logo, ter um pai ou uma mãe que abra um espaço para o adolescente conversar sobre o que ele pensa e sente nesse campo, dando-lhe possibilidade de perceber nos pais pessoas que possam ouvi-los, e às vezes ajudá-lo, tornar-se imprescindível. Esta orientação, de forma responsável, será com certeza a melhor pedagogia.

Se o sexo é tão pouco conhecido e compreendido, a sexualidade também é uma questão complexa. Normalmente costuma-se, inclusive, usar ambos os termos sinonimamente, quando se trata de duas realidades diferentes. A educação sexual é um processo intrinsecamente vinculado ao aprendizado da vida. A dimensão da sexualidade humana extrapola a reprodução e abrange o ser de forma integral: corpo e espírito, razão e emoção.

Para cada idade há diferentes formas de manifestação sexual; todas igualmente importantes, perfazendo uma evolução gradual, o crescimento psicossocial. Neste sentido é importante o conhecimento dos adolescentes a respeito de sua própria sexualidade. O desejo sexual surge na adolescência que a Organização Mundial de Saúde (OMS) define como grupo etário a faixa compreendida entre os 10 aos 19 anos de idade. Satisfazer desejos, suprir faltas, aliviar tensões, nos causam prazer, é a sexualidade. O desejo sexual surge na adolescência quando as glândulas passam a produzir hormônios sexuais.

O instinto sexual é algo que, desde os insetos ao ser humano, aparece de uma maneira extremamente forte, levando a certos comportamentos e gastando energias que só se justificam biologicamente porque tornam possível algo fundamental à vida: a propagação da espécie. Normalmente, o objetivo é que o macho e a fêmea, ou seja, ambos os progenitores ajudem na criação dos filhos, que é tanto mais complexa, demorada, e exigente de cuidados quanto mais evoluída é a espécie.

A sexualidade vem sendo considerada de diferentes formas, ao longo da história da humanidade. Embora nos pareça inusitado, houve um tempo em que fazer sexo e falar sobre tal assunto não requeriam muitas restrições. A esse respeito Ussel (1980) comenta que o comportamento sexual durante o século XV e XVI, refletia as atitudes e um modo de vida que poderia-se denominar de pró-sexuais. Nessa época, por exemplo, era admitido que as pessoas satisfizessem as suas necessidades sexuais para não pôr a saúde em risco.

Em virtude disso, eram permitidas as trocas de carícias e, para acalmar as crianças, os pais masturbavam-nas. Em algumas camadas sociais as relações extraconjugais eram liberadas; a família e os serviçais dormiam nus e no mesmo quarto. Nesse contexto, os jovens, por poderem ver, sentir, e aprender com os adultos o que quisessem sobre os assuntos de natureza sexual, não necessitavam ser esclarecidos.

No entanto, com a ascensão da burguesia no século XVII, a quantidade e a qualidade das relações sociais foram transformadas, impingindo fortes modificações, entre outras, as que se referem à sexualidade. Essa passa a ser idealizada visando à união entre os sexos, ao amor, ao matrimônio e à procriação, sendo interditadas quaisquer outras formas de manifestações sexuais que se afastem desses objetivos.

Frequentemente o instinto sexual é apenas sentido como uma necessidade básica de satisfazer um impulso fisiológico, ou seja, do nosso corpo. Este impulso pode ser satisfeito, por exemplo, através da masturbação ou através de um(a) parceiro(a) casual ou pago(a) para o efeito. Mas na maioria das vezes esse “sexo pelo sexo” não é de modo algum totalmente satisfatório em termos psicológicos e afetivos, ou seja, dos sentimentos. Isso acontece porque, os seres humanos, para realizarem ou viverem completamente a sexualidade (Fig. 2), existe sempre a necessidade de criar laços ou relações afetivas e de cumplicidade com a pessoa que escolhe como companheiro(a).

Figura 2: Imagem ilustrativa da sexualidade na adolescência



Fonte: CSAE, 2019.

- 1) a satisfação de um instinto básico, tal como existe em outros animais, e, sobretudo;
- 2) a criação de laços fortes entre duas pessoas que buscam o prazer mútuo e uma vida em comum.

O tema sexualidade que poderia parecer irrelevante do ponto de vista público, é uma questão absorvente, mas essencialmente privado. Poderia ser também considerada um fator permanente, pois se trata de um componente biológico e como tal necessário a continuidade das espécies. Mas, na verdade o sexo atualmente aparece continuamente no domínio público e, além disso, fala a linguagem da revolução. O que se diz é que durante as últimas décadas ocorreu uma revolução sexual e as lideranças revolucionárias têm conduzido muitos pensadores à reflexão sobre sexualidade, para os quais ela representa um reino potencial de liberdade, não maculado pelos limites da civilização atual.

Teich e Porter (1998), que contribuíram para a antologia, também investigou a formação do conhecimento sexual, inquirindo de que modo à consciência, a experiência e o saber em geral se transformaram no que recebeu a pecha de ciência sexual, através do Livro “Conhecimento Sexual, Ciência Sexual”, editado em 1998 (Fig. 3).

Figura 3: Livro Conhecimento Sexual, Ciência Sexual



Fonte: Teich; Porter 1998.

... O sexo correto e aprovado pelos manuais nos primórdios da era moderna era o coito entre homens e mulheres unidos pelo matrimônio, o sexo que culminasse na produção de bebês (...). As atividades sexuais eram aprovadas ou rejeitadas precisamente na medida em que estavam ligadas à produção de uma descendência legítima. Desnecessário dizer, portanto, que o coito entre pessoas do mesmo sexo era francamente desaprovado (TEICH; PORTER, 1998, p. 178).

Chauí (1991, p. 171), assim escreve sobre a sexologia:

A sexologia é uma instituição curiosa porque é uma espécie de combinação do erotismo como arte ou técnica do amor e da ciência como conhecimento teórico sobre sexo, sua atuação mesclando pedagogia e terapia, procurando substituir coerção pela informação correta.

Essas questões têm sido tratadas desde o início do século XX como a aspiração dos pesquisadores da área do sexo, destes um dos mais destacados é o fundador da pesquisa qualitativa americana, Roberto Latou Dickinson, que pensou, em moldes positivistas clássicos, e que todo conhecimento deveria tornar-se científico e que tudo que é sexual deve ser medido (TEICH; PORTER, 1998, p.16) – (Fig. 4).

Figura 4: Imagem ilustrativa que tudo que é sexual deve ser medido



Fonte: Dutra, 2016.

A combinação de investigação científica e atividade sexual essencialmente masculina, tem-se imposto desde a década de 1980. Ela reforçou todo o tipo de campanhas sexuais anteriores no século XX, em especial os *lobbies* pela educação sexual e pela liberdade de informações a respeito de doenças venéreas e contracepção, lutas pelos direitos sexuais (contracepção) e pela livre expressão sexual. E moldou as narrativas e os pressupostos das histórias aceitas do pensamento sexual.

Para Louro (1999, p. 80) *tudo que o homem aprende sobre a história da sexualidade diz que a organização social da sexualidade nunca é fixa ou estável*. Ela é modelada sobre circunstâncias históricas complexas. Na medida em que se entra no período conhecido como pós-modernidade, é provável que vejamos uma nova e radical mudança nos modos como nos relacionamos com nossos corpos e suas necessidades sexuais. O desafio será compreender, de uma forma mais efetiva do que no período da modernidade, os processos que estão em ação nesse campo. Chauí (1991, p.171), assim escreve:

A questão da sexualidade passa a ter maior importância hoje entre todos os educadores. Pois na medida em que as estruturas de toda sociedade se veem marcadas com o apelo a uma sexualidade consumista e hedonista, isto é,

marcadas pela busca individual de uma forma de prazer, esta característica aparece em qualquer dimensão que realmente se propõe a educar, ou apresentar criticamente toda a cultura humana. E neste nível é importante observar que toda educação, sistemática ou não, envolve sexualidade.

Para Costa (1989), passaram a ser tida como ilícitas a sexualidade fora do casamento (amor livre, coito pré-conjugal ou extraconjugal), a sexualidade sem amor (prostituição, masturbação), ou a sexualidade sem procriação (homossexualidade, sexualidade infantil e sexualidade no climatério).

Na avaliação de Ussel (1980), os indivíduos foram levados a renegar suas sensações sexuais, recalculá-las ou considerá-las como inexistentes. Por conseguinte, o interesse concedido à sexualidade foi gradativamente sendo associado ao misterioso, ao repugnante, ao indecente, o que veio tornar problemática a questão do esclarecimento sexual. Esse modo de conceber a sexualidade foi fortalecido no mundo ocidental, interferindo, decisivamente, no esclarecimento sexual dos alunos, sobretudo em virtude dos conhecimentos propagados pela medicina a respeito da sexualidade.

Conforme Costa (1989), as “verdades” produzidas pela medicina sobre a sexualidade viabilizaram uma série de políticas higienistas com intuítos disciplinares e normalizadores, cujo ponto central era a repressão da sexualidade, uma vez que, ao regular o sexo, realizava-se o controle da população.

Os conhecimentos produzidos pelo naturalismo biológico do século XIX resultaram em um conjunto de normas de conduta que podem ser denominadas higienistas. A política higienista manifestada na forma de educação higiênica ou sanitária trouxe como (...) resultado a fusão entre a aquisição da saúde individual, a aquisição de status social e manipulação político-econômica dos indivíduos (...). No campo da sexualidade a higiene deveria transformar homens e mulheres em reprodutores e guardiães de proles sãs e raças puras (COSTA, 1989, p. 14).

Segundo Werebe (1998), as advertências médicas, em relação às consequências nocivas da masturbação sobre o corpo e o psiquismo, incutiram nos educadores o medo, levando-os a instituir uma prática pedagógica repressiva. Na cruzada anti masturbatória, realizada na escola, os professores procuravam evitar, sob todas as formas, o despertar da curiosidade dos alunos, sem que eles fossem informados sobre as razões do controle severo a que eram submetidos.

No entanto, desenvolvia-se o medo e a repulsa nos educandos em relação à sexualidade. Nesse contexto, como afirma Pinto (1999), a escola apresenta-se como o espaço da não sexualidade. Nela passou a vigorar, explícita ou implicitamente, a interdição a qualquer manifestação da sexualidade juvenil, como também, dela surgiu recomendações tendentes ao adiamento do seu exercício.

As ideias de Rousseau (1992) foram fundamentais para fortalecer, no campo educacional, a adoção de medidas repressivas com relação à sexualidade. Esse pensador do século XVIII, cuja obra inspirou reformas e políticas educacionais, pressupunha a crença na bondade do homem, atribuindo à sociedade a responsabilidade pela origem do mal. Sendo assim, quando o desenvolvimento humano adequado é estimulado, a bondade natural do indivíduo pode ser protegida da influência corruptora da sociedade.

Na obra *Emílio ou da Educação*, um romance pedagógico de profunda repercussão social de Rousseau (1992), apresenta-se como um ferrenho adversário do esclarecimento sexual. Para ele, o sexo se associa à dor, ao sofrimento, às perversões e ao enfraquecimento. Por essa razão, os interesses da criança por essa questão devem ser atrasados pela educação. A esse respeito anuncia:

... Se a idade em que o homem adquire a consciência de seu sexo difere tanto por efeito da educação quanto pela ação da natureza, segue-se que é possível acelerar ou retardar essa idade segundo a maneira de criar as crianças; e se o corpo ganha ou perde consistência na medida em que atrasa ou acelera tal progresso, segue-se também que quanto mais a retardarem mais o jovem adquirirá vigor e força (ROUSSEAU, 1992, p. 240).

Os objetivos da educação comportam dois aspectos: (1) o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e o (2) seu afastamento dos males sociais. O mestre deve educar o aluno baseado nas suas motivações naturais, uma vez que, ao tornarmos-nos conscientes das nossas próprias sensações, estamos inclinados a procurar ou a evitar os objetos que as produzem. Para tanto, era necessário retardar o crescimento intelectual demandando à criança demonstrar seus próprios interesses sobre um assunto e fazer suas próprias perguntas, que, por princípio, não seriam maléficas, haja vista sua bondade natural, segundo Rousseau (1992).

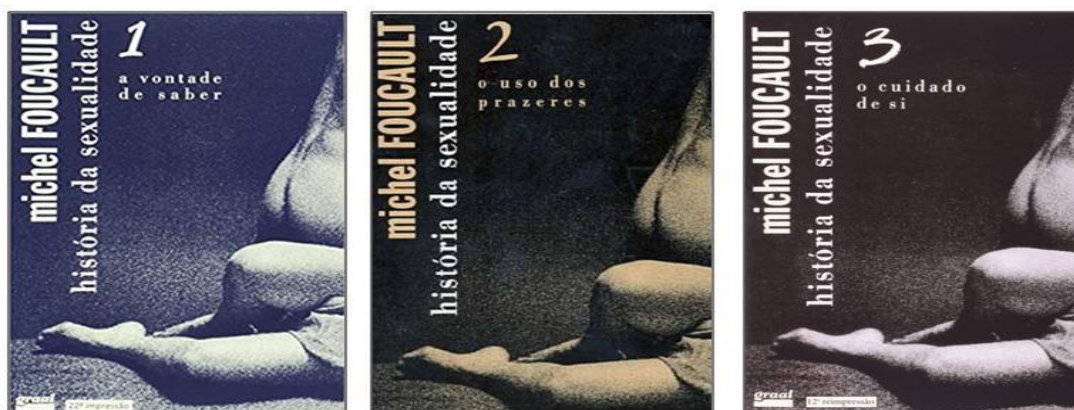
3.2 A Sexualidade Sob a Visão de Foucault

O estudo sobre a história da sexualidade, realizada por Michel Foucault (1926-1984), tem sido central para as recentes discussões sobre o corpo e a sexualidade entre historiadores e cientistas sociais. Considere essa citação: Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder tenta por em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria pouco a pouco desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico (p. 27).

O mesmo escreveu a *História da Sexualidade* em três volumes: 1) *A Vontade de Saber* (sobre o qual iremos os deter); 2) *O Uso dos Prazeres*;

3) Cuidado de Si, não tendo concluído esse último em virtude de sua morte, ocorrida em 1984 (Fig. 5).

Figura 5: Livros História da Sexualidade: 1. A Vontade de Saber; 2. O Uso dos Prazeres; 3. Cuidado de Si



Fonte: Michel Foucault, s/d.

Ao longo dessas obras, o autor verificou que a sociedade capitalista não levou ao silenciamento do sexo. Ao contrário, promoveu uma proliferação de discursos, uma espécie de erotismo discursivo generalizado⁴. No entender de Foucault (1993), a partir do século XVI, a colocação do sexo em discurso:

... Em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa, mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfas e que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou – sem dúvida através de muitos erros – em constituir uma ciência da sexualidade (FOUCAULT, 1993, p. 17-18).

Nesse sentido, Foucault (1993) supunha a existência de uma crescente tagarelice sexual. Na sua interpretação, a partir dos séculos XVI e XVII, surge, na sociedade ocidental, uma multiplicidade de discursos sobre o sexo que, ao esquadrihá-lo, defini-lo, acabou por ocultá-lo. O sexo foi colocado em discurso, obrigado a ser confessado. Desse modo, manifestaram-se através de algumas instituições como a Igreja, o Estado, a Família, o Consultório médico e a Escola, constituindo-se em uma estratégia de controle dos indivíduos e das populações. Convém salientar que tal proposição não implica que Foucault negue ou desconsidere a repressão da sexualidade.

Na sua perspectiva, a interdição não deve ser o aspecto principal da problemática quando falamos da história do sexo, a partir da Idade Média. Desse modo, com a ascensão da burguesia, os elementos negativos ligados ao sexo (proibição, repressão, indecência, censura e

⁴ Expressão utilizada por Foucault (1993, p. 34), para referir-se à intensa proliferação de discursos em torno do sexo e das suas formas de expressão.

outros), ao contrário do que vimos, não buscavam proibir ou reduzir a prática sexual, mas o controle do indivíduo e da população. O sexo passou a ser regulado, não pela proibição, mas, através de discursos úteis e públicos. Nesses termos:

... O sexo do colegial passa a ser, no decorrer do século XVIII – e mais particularmente do que o dos adolescentes em geral – um problema público (...). Seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores (FOUCAULT, 1993, p. 30-31).

Assim, a explosão discursiva sobre o sexo foi acompanhada de uma vigilância sobre como, quando e onde se podia falar dele. Em virtude disso, foram instituídas regiões de silêncio, de discrição, de hipocrisia, que atingiram as relações sociais de um modo geral, em especial, as relações entre pais e filhos, educadores e alunos. “Há dezenas de anos, nós só falamos de sexo fazendo pose...” (FOUCAULT, 1993, p. 12). Uma ilustração desse estado de coisas revela-se nessa análise sobre a experiência burguesa da sexualidade:

As manobras defensivas das classes médias do século XIX lhes valeram, rapidamente, uma reputação nada invejável de hipocrisia, que, de resto, elas detêm até hoje. Não resta dúvida de que o século burguês estava repleto de professores da negação que instruíam seus contemporâneos na arte da reticência, da evasiva e do silêncio diante dos fatos da vida. Essas estratégias deixaram impressas suas marcas no gosto artístico geralmente aceito, na educação das crianças, nos sermões dos moralistas e, sobretudo, na cautela com que se tratava a sexualidade. À sua maneira oblíqua, a hipocrisia também era uma educadora dos sentidos, instruindo como disfarçar sentimentos e convicções de forma a torná-los aceitáveis pela sociedade (FOUCAULT, 1980, p. 290).

Conforme Foucault (1993), uma das razões que incitaram a regulação do sexo foi a demografia. Com o aparecimento da população enquanto um problema econômico e político foram necessários analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis e assim por diante. Pela primeira vez, a fortuna e o futuro da sociedade eram ligados à maneira como cada pessoa usava o seu sexo. Nesse sentido, o aumento dos discursos sobre o sexo pode ter tido como propósito produzir uma sexualidade economicamente útil. *Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico* (FOUCAULT, 1993, p. 29).

Devido aos problemas oriundos da demografia, o sexo passou, também, a despertar a atenção de psiquiatras e pedagogos. Na psiquiatria, é estabelecida a etiologia das doenças mentais, um conjunto de perversões sexuais, uma verdadeira organização terapêutica em torno do sexo. Na pedagogia, o interesse volta-se para a

elaboração de um discurso específico acerca do sexo das crianças.

... Os pedagogos fazem projetos e submetem às autoridades; os professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação, cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes. Toda uma literatura de preceitos, pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquemas de reformas e planos de instituições ideais, prolifera em torno do colegial e do seu sexo (FOUCAULT, 1993, p. 30-31).

Como o propósito da produção discursiva, gerada pelas instituições, não era reduzir ou proibir as práticas sexuais, mas, produzi-las, fazia-se necessário que as agências de poder detivessem a apropriação do saber sexual. Foucault (1993) propõe a existência de duas formas básicas de apropriação do saber no ocidente: a *scientia sexualis* e a *ars* erótica.

Na cultura ocidental, ao contrário, predomina a *scientia sexualis*, onde a confissão é central na produção de saberes sobre o sexo. Os ocidentais são levados a confessar tudo, a expor os seus prazeres. A confissão, nesse caso, extrapola o domínio religioso estabelecendo uma relação de poder onde aquele que confessa se expõe, produz um discurso sobre si, enquanto aquele que ouve, interpreta o discurso, redime, condena, domina.

A *ars* erótica é própria de algumas civilizações como a China, o Japão, a Índia, Roma e as nações árabes mulçumanas, que buscavam, no saber sobre o prazer, formas de ampliá-lo. Na *ars* erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, que não se delimita dentro dos contornos do permitido e do proibido. Em muitas culturas, ela se confunde com o sagrado.

Dessa forma constitui-se um saber que deve permanecer secreto, não em função de uma suspeita de infâmia que marque seu objeto, porém pela necessidade de mantê-lo na maior discrição, pois segundo a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado (FOUCAULT, 1993, p. 56).

A partir dos séculos XVI e XVII, se engendrou um projeto de iluminação de todos os aspectos do sexo. No século XIX, o referido projeto associa-se a um projeto científico – protagonizado pelo discurso médico - comprometido com o evolucionismo e com os racismos oficiais. Com o aparato científico da medicina, o discurso sobre o sexo ganhou maior legitimidade. Valendo-se de uma suposta neutralidade científica, o saber médico produziu verdades sobre o sexo. Os procedimentos da confissão e o discurso médico científico foram duas interferências na produção da *scientia sexualis* – a verdade sobre o sexo. Foucault (1993, p. 66) relata que:

... Em ruptura com as tradições da *ars* erótica, nossa sociedade constituiu uma *scientia sexualis*. Mais precisamente, atribuiu-se a tarefa de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, e isto tentando ajustar, não sem dificuldade, o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico.

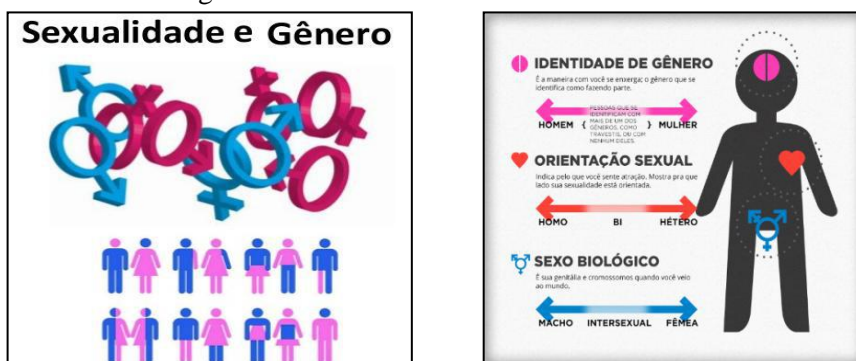
Para Foucault (1993), as estratégias utilizadas

para extorquir a verdade sexual, de maneira científica, são as seguintes:

1. Através de uma codificação clínica do fazer falar: a confissão é, assim, escrita no campo das observações científicas;
2. Através do postulado da causalidade geral e difusa: qualquer desvio possui consequências mortais, o sexo representa perigos ilimitados;
3. Através do princípio de uma latência intrínseca à sexualidade: o sexo é clandestino, sua essência é obscura. A coerção da confissão é articulada à prática científica;
4. Através do método da interpretação: a verdade era produzida através dos discursos interpretativos da confissão;
5. Através da medicalização dos efeitos da confissão: a confissão transporta o sexo do domínio da culpa e do pecado para o normal e o patológico. Os médicos são, por excelência, os intérpretes da verdade sobre o sexo.

Nessas estratégias, utilizadas para a obtenção da verdade sexual, revelam-se mecanismos de controle e dominação. Nesse sentido, a história da sexualidade constitui-se a partir de uma história dos discursos, que modelam as formas como pensamos e conhecemos o corpo. Barbosa (1998), no artigo *Sexualidade e Gênero na Medicina*, ajuda-nos a compreender a questão do saber/poder, mostrando alguns depoimentos de mulheres a respeito dos seus próprios corpos (Fig. 6).

Figura 6: Sexualidade e Gênero na Medicina



Fonte: Lucena, 2018.

Nesses relatos, emergem uma representação do corpo feminino como doentio, escuro, úmido, susceptível às mais diversas doenças. Segundo a autora, essa representação do corpo feminino, presente no imaginário social das próprias mulheres, é decorrente da produção de um saber médico, existente na década de 1930, em que o corpo feminino é associado à doença. Nessa época, os textos médicos evidenciam muito essa representação da mulher como um corpo patológico e contaminado, regido por

líquidos e secreções estranhas. Conforme os PCN (1997, p. 20), quando se fala sobre Orientação Sexual, o objetivo desse tema fica bem objetivo no parágrafo:

A finalidade do trabalho de Orientação Sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Esse tema vinculasse ao exercício da cidadania na medida em que propõe o desenvolvimento do respeito a si e ao outro e contribui para garantir direitos básicos a todos, como a saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

A questão do saber/poder revela-se, no âmbito educacional, naquilo que Louro (1997) denomina de escolarização dos corpos e das mentes. Para essa autora, a escola serve-se de símbolos e de códigos, através dos quais são imputados ao aluno o que ele pode (ou não pode) fazer. Nesse sentido, *o modo de sentar e andar, as formas de colocar os cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino ou a menina que passara pelos bancos escolares* (LOURO, 1997, p. 61).

Assim, percebe-se a força do conteúdo inerente aos discursos sobre o sexo de que nos fala Foucault. Na sua concepção, o dispositivo da sexualidade está intimamente vinculado aos sistemas de poder que regulam a sexualidade através de leis, regras e costumes. Na perspectiva foucaultiana, todavia, o poder não deve ser visto, como uma força negativa, meramente opressora, mas, como uma força positiva preocupada com a administração e o cultivo da vida.

O poder é forte porque produz efeitos positivos no nível do desejo e do saber. Ele não impede o saber, mas, o produz, isto é, ele é criativo. O poder provém de vários pontos e constitui-se nas permanentes relações que se dão entre as pessoas. Assim, toda relação entre elas, como, por exemplo, a que envolve o professor e o aluno é uma relação de força, portanto uma relação de poder.

Nessa perspectiva, Louro (1999) argumenta que, como em outras instâncias sociais, na escola pratica-se uma pedagogia da sexualidade, na medida em que essa instituição captura sentidos que circulam na cultura, resignificando-os, bem como, impondo outros através de suas intrincadas redes de poder. O saber que se transmite na escola não é neutro, segundo Moreno (1999, p. 80):

A escola é uma caricatura da sociedade. Por ela passam como não passam por nenhum outro lugar, limitadas por diminutivos, todas as ideias que uma sociedade quer transmitir para conservar, tudo aquilo em que se acredita ou quer que se acredite.

Na escola é aprendida uma linguagem social que define o que deve ser falado, silenciado, mostrado, escondido. Nesses arranjos,

identidades sexuais e de gênero, convicções ideológicas pessoais e idiossincráticas interferem decisivamente. Por essa razão, encontramos na escola as marcas que confirmam e produzem diferenças, pois, *currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação constituem-se em espaços de construção das diferenças de gênero, de sexualidade, de etnia, de classe* (LOURO, 1999, p. 88).

Na prática pedagógica se exercita o poder, modelando-se corpos e mentes, instituindo-se verdades. Em virtude disso, é necessário não perdermos de vista que formas de agir, de falar, da transmissão dos conteúdos e outros, são essenciais para a produção de um saber sobre a sexualidade. Nesse sentido, é importante questionar uma postura de ensino sobre a sexualidade, apenas, científica, pois corremos o risco, se assim o fizermos, de homogeneizarmos o saber sobre o sexual e liquidarmos as diferenças individuais.

De acordo com Melo e Melo (2015, p.4),

Se a educação para a vida familiar vai ser dada de tal modo que correspondam as necessidades da maioria da população jovem, parece que as escolas vão ter que participarem deste processo. Rapazes e moças adolescentes necessitam e desejam explicações para suas dúvidas a respeito da reprodução humana e outras questões afins, e os professores precisam se preparar da melhor forma possível para preencher esta necessidade. É no ambiente escolar que os adolescentes devem encontrar a fundamentação para estarem informados, além do espaço para discussão dos aspectos psicológicos inerentes.

Apoio e compreensão (não demagogia) dos professores e funcionários, espaço para uma vida saudável não apenas em termos de sua sexualidade, visto que de fato, a escola apresenta-se potencialmente, como local privilegiado para trabalhos preventivos, porém, ela somente estará educando em saúde e cidadania, se levar em consideração a realidade do indivíduo, desenvolvendo suas percepções e sensações, orientando-o para comprar e analisar sua realidade refletir sobre ela e a orientação sexual na escola.

A orientação sexual na escola é um termo usado para descrever um indivíduo que possui atributos sexuais, psicológicos, emocional, sentimentos e de atração para outra pessoa. A sexualidade é considerada ser uma característica essencial e natural de todas as pessoas que começa a se desenvolver na primeira infância e continua ao longo do curso tempo de vida. Embora a literatura esteja dividida nos mecanismos exatos para o desenvolvimento de orientação, pesquisas sugerem que é determinado por inúmeros fatores, incluindo hormonais, genéticas e influências ambientais. É importante ressaltar que a pesquisa sugere que pais pobres, abuso sexual, e outros eventos adversos da vida não influenciam na orientação sexual na escola.

Então, vem à pergunta: Por que a Orientação sexual na escola? 1. Porque ela não pode fugir de sua responsabilidade; 2. Devido à falta de informações dadas pelos pais; 3. Para superar medos e preconceitos; 4. Para o bem estar

sexual, dos jovens e adolescentes; 5. Para ajudar na formação de identidade; 6. Para abrir canais de comunicação; 7. Porque ajuda a repensar valores.

Para Altmann (2003), é necessário considerar a orientação sexual pela justificativa e como se sustenta nos tempos atuais a inserção dessa temática na escola, portando a sexualidade-adolescente, *equacionada como um problema social, diante do qual a escola é convocada a intervir, imprime diretrizes no desenvolvimento do trabalho* (p. 284).

A atual inclusão da orientação sexual na escola é justificada pelo crescimento do número de casos de “gravidez indesejada” entre adolescentes e pela disseminação de casos de contaminação pelo HIV... Dessa forma, a ampla inserção desse tema na escola parece estar ligada, por um lado, a uma dimensão epidêmica e, por outro, a mudanças nas expectativas de comportamento sexual associadas ao aparecimento da figura da “gravidez precoce”. A sexualidade adolescente desponta como um importante foco de investimento político e instrumento de tecnologia de governo, sendo a escola um espaço privilegiado de intervenção sobre a conduta sexual dos/as estudantes (ALTMANN, 2003, p. 284).

Por mais paradoxal que possa parecer, o que tem mais preocupado os educadores de que lidam com a sexualidade humana é exatamente o fato de a Orientação Sexual ter se tornado obrigatório nas escolas. Há uma preocupação básica: não há no Brasil qualidade suficiente de educadores preparados para dar conta desta missão. Serão necessários anos para que possam preparados adequadamente. Diante dessas prerrogativas impostas pela Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – (Fig. 7).

Figura 7: Livro LDB – Lei Federal 9.394/1996



Fonte: Brasil/LDB - Lei 9.394/1996.



Fonte: Brasil/PCN, 1997.

Segundo Altmann (2003, p. 283):

Atualmente, a escola tem sido apontada como um importante espaço de intervenção sobre a sexualidade adolescente que, nos últimos anos, adquiriu uma dimensão de problema social. Mais do que um problema moral, ela é vista como um problema de saúde pública e a escola despontam como um local privilegiado de implementação de políticas públicas que promovam a saúde de crianças e adolescentes. A intenção de introduzir esse assunto no âmbito escolar torna-se evidente pela inserção da orientação sexual contidas na Lei de Diretrizes de Bases da Educação

Nacional - Lei 9.394/1996, referente aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) na forma de tema transversal.

Ainda com base em Altmann (2001, p.576):

Criados em 1996 pelo governo federal, os PCN têm por objetivo estabelecer uma referência curricular nacional. No Brasil, essa é a primeira vez que o tema orientação sexual ou educação sexual é oficialmente inserido no currículo escolar nacional. De acordo com esse documento, os temas transversais tematizam problemas fundamentais e urgentes da vida social-ética, saúde, meio-ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. Eles devem ser trabalhados, ao longo de todos os ciclos de escolarização, de duas formas: dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo e como extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema.

A educação sexual é o fornecimento de informações sobre desenvolvimento corporal, sexo, sexualidade, e relacionamentos, juntamente com o desenvolvimento de habilidades para ajudar os adolescentes a se comunicarem sobre e tomar decisões informadas sobre sexo e sua saúde sexual, portanto a importância da Orientação Sexual nas Escolas. Para Lionço e Diniz (2008) apud Vieira e Matsukura (2017, p. 465) afirmaram que:

A desconsideração dos aspectos sociais e subjetivos da sexualidade e que envolvem a relação sexual podem interferir na adoção, por parte dos adolescentes e jovens, de comportamentos responsáveis e preventivos. Em conformidade com o que afirmam esses autores, Zimbres e Palma (2009) realizaram um estudo com professores e adolescentes de duas escolas, cujo objetivo era investigar a concepção de ambos acerca da educação sexual realizada nas escolas, tendo como foco principal o tema da gravidez na adolescência. Verificou-se que na percepção dos adolescentes, para a prevenção de gravidez na adolescência, faz-se necessário que as abordagens de educação sexual ocorram para além das questões biológicas, anatômicas e preventivas, mas que incluam também os aspectos subjetivos e emocionais da sexualidade.

O ambiente social desempenha um papel profundo na maneira como a orientação sexual nas escolas devem ser entendida ou estruturada, e essa construção social influencia a maneira como o adolescente se comporta é expresso (FOCAULT, 1980). A educação sexual deve ocorrer ao longo das séries do aluno, com informações apropriadas para os alunos em desenvolvimento e formação cultural. Isto deve incluir informações sobre a puberdade e reprodução, abstinência, contracepção e preservativos, relacionamentos, violência sexual prevenção, imagem corporal, identidade de gênero e orientação sexual. Deve ser ensinado por professores treinados e capacitados com habilidades e competências na área de Orientação Sexual, com base nos PCN.

A educação sexual deve ser informada por evidências que funciona como a melhor forma de se prevenir a gravidez indesejada e sexualmente infecções transmitidas, como HPV e a AIDS, mas também deve respeitar o direito dos adolescentes de completar a informação pessoal, ou seja, uma responsabilidade do SER

PRÓPRIO-INDIVIDUAL. A orientação sexual nas escolas deve ser tratada como um desenvolvimento sexual normal e natural, como parte do desenvolvimento humano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou dissertar-descrever sobre a questão adolescência, sexualidade e orientação sexual na escola sob a visão de Foucault. A escola ainda constitui um microespaço de poder onde se fala em sexo, porém, valorizando-o como sagrado. Fala de sexo de maneira (re)velada. A educação escolar informa como se constitui anatomicamente o aparelho reprodutor masculino e feminino, suas funções biológicas e reprodutivas, fala sobre o uso de contraceptivos e prevenção de gravidez, sobre a prevenção das DST's e, atualmente, da AIDS. São questões que devem ser discutidas, mas não isoladamente. Devem ser associadas a uma análise global.

A orientação sexual escolar deve proporcionar uma reflexão voltada para as múltiplas formas de manifestações da sexualidade humana e o lugar que estas manifestações ocupam em nossa sociedade: o sexo, o desejo, o medo, o amor, o corpo biológico, o corpo social, o corpo cultural, a paixão, a sensibilidade, os papéis sociais/sexuais. (Palavras literalmente de Foucault, 1980).

A orientação sexual, enquanto uma função assumida apenas pela escola não será fecunda. A reflexão a sexualidade na escola deve servir como um espaço de discussão que promova novas reflexões no ambiente familiar, e não o silêncio, a omissão. Dessa forma, pais e professores devem responder sobre suas responsabilidades e posicionamentos sobre a sexualidade, de maneira que possam estabelecer para os filhos e alunos, um clima de abertura, através do qual suas dúvidas, inquietações, receios e anseios, acerca da sexualidade, sejam ouvidos e respeitados. Tendo como base a LDB e os PCN na área da Orientação Sexual.

5 REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. Orientação Sexual em uma Escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu** (21). Rio de Janeiro-RJ: 2003, pp.281-315.
- _____. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Estudos Feministas**. Vol. 9, nº 2. Rio de Janeiro-RJ: 2001, pp.575- 585.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional - Lei 9.394/1996**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Vol I). Brasília: SEF, 1997.
- CHAUI, M. **Repressão Sexual**: essa nossa (des) conhecida. São Paulo : Brasiliense, 1991.

- COSTA, J. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro : Graal, 1989.
- CSAE. Centro Sul Americano de Especialização. **Curso Online de Sexualidade na Adolescência**. Disponível em: <https://www.buzzero.com/medicina-e-saude-352/sexologia-360/curso-online-sexualidade-na-adolescencia-com-certificado-40972>. Acesso em: 12/02/2020.
- DUTRA, M. A. **Pesquisa Descobriu Quantas Vezes Brasileiro Faz Sexo Por Semana: você está na média?**. 2016. Disponível em: <https://doutormax.com.br/pesquisa-descobriu-quantas-vezes-brasileiro-faz-sexo-por-semana-voce-esta-na-media/>. Acesso: 12/03/2020.
- FOCAULT, M. **A História da Sexualidade**. Nova York: Livros Antigos, 1980.
- _____. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- LIMA, H. **O Papel de Cada um na Orientação Sexual e os Diferentes Modelos de Trabalho**. Diretora da Unidade Perdizes do Colégio Pentágono. São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www.boasaude.com.br/artigos-de-saude/3746/-1/o-papel-de-cada-um-na-orientacao-sexual-e-os-diferentes-modelos-de-trabalho.html>. Acesso em: 19/03/2020.
- LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LUCENA, S. **Gênero e Sexualidade**. Sociologia, 2018. Disponível em: Full PDF EBOOK Here. <https://soo.gd/irt2>. Acesso em: 12/03/2020.
- MATARAZZO, M. H. **Educação Sexual nas Escolas: preparar para a vida familiar**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- MELO, A. C.; MELO, A. C. Pressupostos Básicos Para Um Projeto de Orientação Sexual na Escola. **Anais II CONEDU**. Congresso Nacional de Educação. Campina Grande-PB: Realize, 2015.
- MORENO, M. **Como se Ensina a Ser Menina: o sexismo na escola**. Campinas/SP: UNICAMP, 1999.
- PINTO, Ê. B. **Orientação Sexual na Escola: a importância de psicopedagogia nessa nova realidade**. São Paulo: Gente, 1999.
- PORFÍRIO, F. Instituições Sociais. Sociologia. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/instituicoes-sociais.htm>. Acesso em: 19/03/2020.
- PRADO, Pedro. **Turma da Mônica Jovem**. Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/cinema/noticias/turma-da-m%C3%B4nica-jovem-s%C3%A9rie-animada>. Acesso em: 12/02/2020.
- ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou Da Educação**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.
- SOUZA, H. P. **Convivendo Com Seu Sexo: pais e professores**. São Paulo: Paulinas, 1991.
- TEICH, M. R.; PORTER, R. **Conhecimento Sexual, Ciência Sexual**. São Paulo: UNESP, 1998.
- TONELI, M. J. F. Sexualidade, Gênero e Gerações: continuando o debate. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L. (Orgs.). **Diálogos em Psicologia Social [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 147-167. ISBN: 978-85-7982-060-1. Available from SciELO Books.
- USSEL, J. V. **Repressão Sexual**. Rio de Janeiro : Campus, 1980.
- VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de Educação Sexual na Escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**. V. 22 n. 69 abr.-jun. São Carlos-SP: Universidade Federal de São Carlos, 2017.
- WEREBE, M. J. **Sexualidade, política e educação**. Campinas (SP): Autores Associados, 1998.